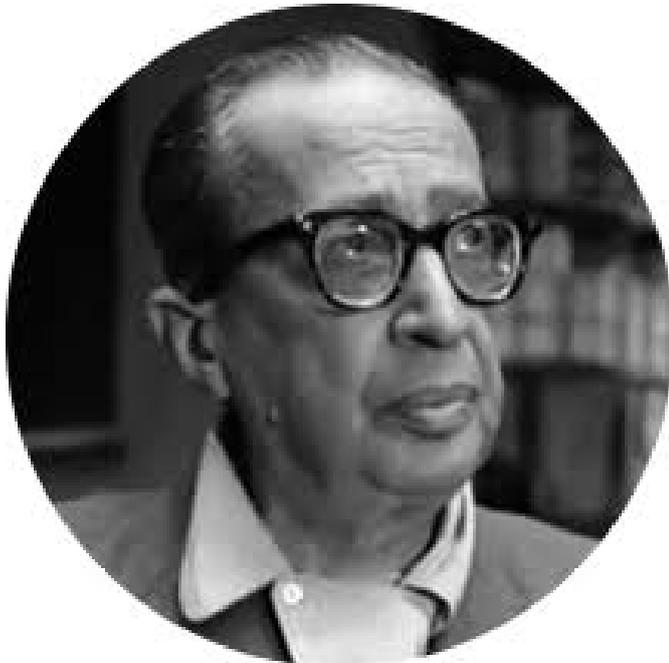


A POÉTICA LIBERTINAGEM DE MANUEL BANDEIRA

José Neres



INTRODUÇÃO

Manuel Bandeira é um dos mais importantes, reconhecidos e lidos escritores do Modernismo Brasileiro em sua primeira fase. O poeta pernambucano é um desses escritores que encantam os leitores desde as primeiras linhas de seus versos tanto pela aparente simplicidade dos vocábulos empregados quanto pela solidez das imagens evocadas a cada estrofe. A poesia de Bandeira é luminar e traz em seu bojo as marcas de um lirismo que divide espaço com reminiscências e críticas sociais, sem que nenhum desses tópicos seja conflitante com os demais. Homem que literalmente viveu a (e para a) poesia, Bandeira teve o dom de transformar trechos de sua biografia em pura e encantadora poesia, retirando das dores de seu cotidiano a matéria-prima para sua obra.

Publicado inicialmente em 1930, um ano bastante significativo para a história e para a literatura brasileiras, *Libertinagem* é o quarto livro da lavra de Manuel Bandeira e contém alguns dos poemas mais divulgados e reproduzidos desse poeta. Foi nesse livro que os leitores puderam entrar em contato com textos antológicos como *Vou-me*

embora pra Pasárgada, Irene no Céu, Pneumotórax, Profundamente, Evocação do Recife, Andorinha e O último poema, todos constantemente citados por críticos e historiadores literários como alguns dos mais significativos poemas da língua portuguesa.

Neste breve estudo, iremos comentar os principais temas abordados por Manuel Bandeira em *Libertinagem* e observar como esse poeta modernista constrói seus versos e como ele consegue, a partir de um cotidiano, traduzir em forma de poesia algo que poderia ser considerado banal aos olhos de alguém que não tivesse a capacidade de transformar em palavras, sons e ritmo os incômodos que acabam fazendo, em alguns momentos, parte da vida da maioria dos seres humanos.

Dessa forma, este trabalho de análise e interpretação está dividido em três partes capitais: inicialmente, será feito um estudo sobre Manuel Bandeira, sintetizando sua vida, citando suas obras e, principalmente, enfatizando seu estilo. A seguir, teremos um breve levantamento da importância de Manuel Bandeira para as letras brasileiras, com recortes de comentários de alguns dos mais respeitados críticos nacionais. Finalmente serão estudados alguns poemas de *Libertinagem* a partir dos tópicos temáticos mais recorrentes, como morte, crítica social, pacto autobiográfico e outros.

Os poemas que ilustram este trabalho foram transcritos do *Livro Estrela da Vida Inteira* (Editora Record), que traz a reunião dos livros publicados por Manuel Bandeira, sendo que o livro *Libertinagem*, no referido volume, ocupa o espaço que vai da página 123 até 145.

Como sempre fazemos nesses tipos de estudo/análise, advertimos que a leitura deste trabalho não substitui em hipótese nenhuma o contato com a obra integral, que deve ser lida com apuro, cuidado e atenção.

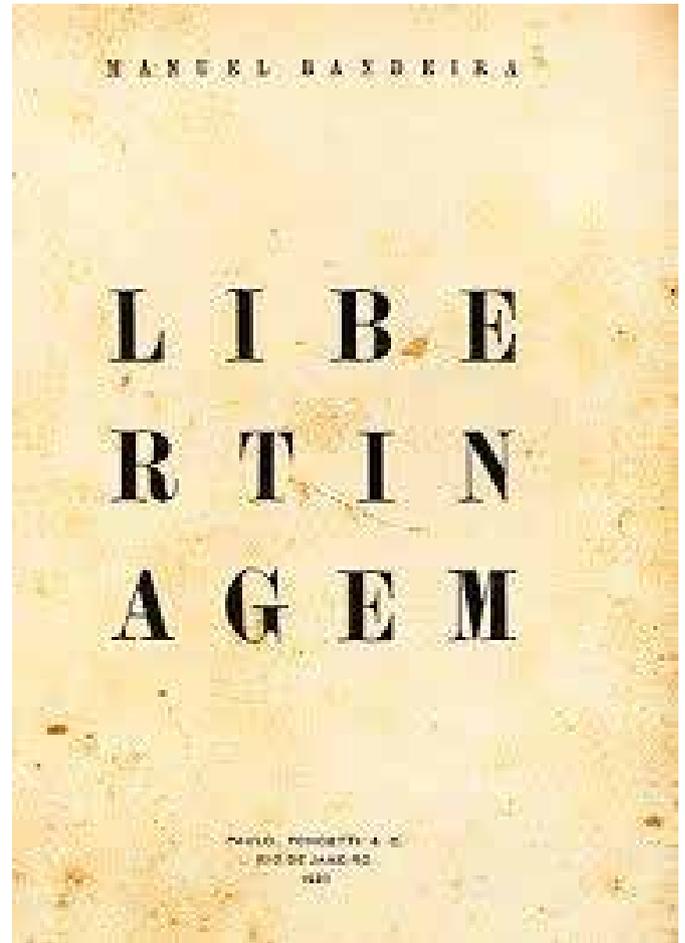
SÍNTESE BIOGRÁFICA DE MANUEL BANDEIRA

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, mais conhecido no meio literário brasileiro como Manuel Bandeira, nasceu em Recife (PE), no dia 19 de abril de 1886 e faleceu no Hospital Samaritano de Botafogo, às 12:50h do dia 13 de outubro de 1968, aos 82 anos de idade.

Ainda na infância, o futuro poeta deixou sua terra natal passou a residir no Rio de Janeiro, Santos, São Paulo e novamente Rio de Janeiro. Desde muito cedo, Manuel Bandeira enfrentou sérios problemas de saúde que o impediam de levar uma vida como a dos demais jovens de sua idade. Com o tempo, foi perdendo pessoas importantes para sua história e passou a transformar suas dores e angústias em poemas nos quais é possível encontrar passagens autobiográficas.

Mesmo sem participar fisicamente da Semana de Arte Moderna, o poeta se fez presente a partir do poema *Os Sapos*, que foi lido por Ronald de Carvalho. Além de poeta, Bandeira foi também excelente cronista e um dos mais importantes pesquisadores sobre a literatura universal, com ênfase nas letras brasileiras e hispano-americana. Sua obra é reconhecida como uma das mais importantes da literatura brasileira do século XX.

Muito admirado por diversos intelectuais, Bandeira fez parte da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1940, para a cadeira 24, patroneada por Júlio Ribeiro e que teve como antecessor Luís Guimarães Filho. Até os dias atuais, a poesia de Manuel Bandeira ainda ecoa como uma das mais significativas do Brasil e poemas como *O Bicho* e *Vou-me embora pra Pasárgada* são considerados como dos melhores da nossa literatura



OBRAS DE MANUEL BANDEIRA

A cinza das horas (1917)
Carnaval (1919)
Ritmo dissoluto (1924)
Libertinagem (1930)
A estrela da manhã (1936)
Lira dos cinquent'anos (1940)
Belo belo (1948)
Mafuá dos malungos (1948)
Opus 10 (1952)
Estrela da tarde (1960)
Estrela da vida inteira (1968)

Crônica da província do Brasil (1936)
Guia de Ouro Preto (1938)
Noções de história das literaturas (1940)
Autoria das Cartas Chilenas (1940)
Apresentação da Poesia Brasileira (1942)
Literatura Hispano-Americana (1949)
Gonçalves Dias: Biografia (1952)
Itinerário de Pasárgada (1957)
Andorinha, Andorinha (1966)
Colóquio uniteralmente sentimental (1968)

O ESTILO BANDEIRIANO

Basta entrar em contato com os primeiros versos de qualquer poema de Manuel Bandeira para o leitor perceber que ele gostava muito da simplicidade, abordando algumas temáticas recorrentes, como **morte, autobiografia, despedida, sensualidade e saudade**. Tudo isso de modo suave e com um vocabulário leve e aparentemente fácil em uma primeira leitura, mas que esconde muito quando se pretende esmiuçar as entranhas de seus poemas.

Ao comentar o estilo de Manuel Bandeira, o professor Júlio Castañón Guimarães constata que:

No começo da obra de Manuel Bandeira as correntes poéticas provenientes do final do século XIX ainda têm presença marcante. Sua poesia inicial revela de forma bem nítida, ainda que com características peculiares as influências simbolista e parnasiana. (GUIMARÃES, 2008 p. 8).

De certa forma, Bandeira soube equilibrar essas influências iniciais de sua carreira literária com uma aproximação com as novas estéticas que começavam a vigorar nas letras mundiais e chegavam ao Brasil. Ele usou tanto os versos metrificados quanto os livres e conseguiu imiscuir em sua produção trechos de momentos vividos por ele, compondo uma espécie de **mitologia pessoal** ao colocar pessoas que com ele conviveram no centro de sua poesia, como acontece no poema *Irene no céu*, transcrito a seguir:

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
- Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

A inversão nos pronomes no último verso “*Entra (tu), irene. Você não precisa pedir licença*”, associado ao modo suave com que Irene pede licença a São Pedro, demonstra como ela merece um tratamento carinhoso por ser “boa” e por estar sempre “de bom humor” durante seus anos de passagem pela terra.

Os poemas de Bandeira são geralmente bastante significativos e trazem suas marcas estilísticas. No entanto, é em *Poética* que podemos observar sua profissão de fé poética, ou seja, é nesse poema que o autor declara sua forma de escrever e seus pensamentos sobre a poesia, a escrita e sua ideologia de mundo, conforme pode ser visto a seguir:

POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de
ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao Sr.
diretor
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no
Dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos
universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de
exceção
Todos os ritmos sobretudo os enumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
Do lirismo que capitula ao que quer que seja for a
de si mesmo.
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de cossenos secretário
do amante
[exemplar com cem modelos de cartas
[e as diferentes maneiras de agradar
[às mulheres, etc.
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
- Não quero mais saber do lirismo que não é
libertação.

Essa busca de um lirismo que seja “libertação”³ representa bem os ideais modernistas do autor, em oposição às estéticas anteriores, tidas como bem comportadas, comedidas, raquíticas e sifilíticas, que, na opinião dele, até então vigoravam.



MANUEL BANDEIRA E A CRÍTICA LITERÁRIA

Manuel Bandeira, conforme foi dito anteriormente, é um escritor bastante lido e respeitado nas letras brasileiras. Ele pertenceu à primeira fase do Modernismo e foi considerado por Mário de Andrade como sendo uma espécie de São João Batista do Modernismo, ou seja, ele já apresentava características dessa escola literária mesmo antes de ela estar solidificada ou mesmo iniciada na historiografia brasileira. Desde o começo de sua produção artística, a poesia de Bandeira tem sido estudada e analisada por diversos críticos da literatura brasileira. Ele, de certa forma, acaba sendo uma quase unanimidade quando se trata de apontar os grandes nomes do Modernismo em nossa literatura.

O professor e crítico Massaud Moisés considerava Manuel Bandeira “uma das vozes mais sonoras da poesia moderna brasileira” (MOISÉS, 1993, p. 127). Já o ensaísta e professor Ítalo Moriconi vai mais além e coloca o autor de A cinza das horas como “estrela maior na constelação dos poetas brasileiros” (MORICONI, 2002, p. 10). Autor de diversos estudos sobre a poética bandeiriana, Davi Arriguicci Jr considera Bandeira como o “introdutor das formas da poesia moderna do Brasil” (ARRIGUICCI JR, 1990, p. 14). Em sua História concisa da literatura brasileira, Alfredo Bosi comenta que o poeta “viveu para as letras” e que “a biografia de Manuel Bandeira é a história dos seus livros” (BOSI, 1975, p. 296).

Em sua modéstia, Bandeira costumava não se incluir entre os grandes poetas da Língua Portuguesa e se chegou mesmo a se considerar como um poeta menor em um de seus textos. A partir dessa observação, o também poeta e professor José Paulo Paes escreveu o seguinte poema:

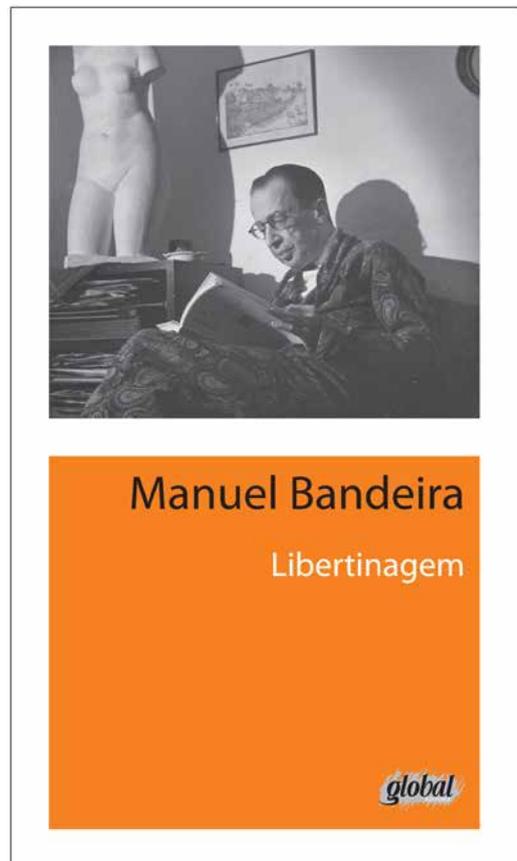
EPITÁFIO

(José Paulo Paes)

poeta menormenormenormenormenor

menormenormenormenormenor enorme

LIBERTINAGEM: Um pequeno grande livro



Apesar de ser um livro que pode, do ponto de vista físico, ser considerado pequeno, *Libertinagem* é uma obra de grande e inestimável valor para a literatura brasileira. O livro é composto por apenas 38 poemas, de extensões variadas, contendo diversas temáticas que vão da alegria de viver à aceitação da morte, tudo em uma tonalidade metafórica e com muito rigor na busca da palavra exata para representar a imagem poética imaginada pelo autor.

Nesse livro, aparecem alguns dos mais conhecidos e emblemáticos poemas do autor e praticamente todos os textos são marcados por um profundo toque de personalidade, com incursões por momentos significativos da vida de Bandeira, como é o caso de Pneumotórax, que qual o poeta ironiza sobre a própria condição de saúde e reproduz de forma poética um consulta médica:

PNEUMOTÓRAX

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.

- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

- Respire.

.....

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

O tom de despedida que foi bastante comum em *A cinza das horas* – seu livro de estreia, publicado em 1917 – e em *Carnaval*, editado dois anos depois, ganha agora um tom de ironia e de reflexão. O próprio poeta, nos primeiros versos do livro, faz algumas referências a textos anteriores

Uns tomam éter, outros cocaína.
 Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
 Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
 Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria...
 Abaixo Amiel!
 E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.
 Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.
 Perdi a saúde também.
 É por isso que eu sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.
 Uns tomam éter, outros cocaína.
 Eu tomo alegria!
 Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.

Significativa é a indicação de que “*uns tomam éter, outros cocaína / Eu tomo alegria*”, que mesclada com toques autobiográficos “*já perdi pai, mãe, irmão*” e com um diálogo intertextual com *Pneumotórax*: “*pedi a saúde também*”, compõem um cenário no qual a tristeza deveria imperar. Porém o eu lírico opta pela alegria e por aproveitar a vida a seu modo, em uma espécie de adaptação do *Carpe Diem*. No entanto, nem mesmo nesses aparentes momentos de alegria, o poeta deixa de lado a ácida ironia que caracteriza boa parte de sua obra e lembra que, em momentos assim:

Ninguém se lembra de política...
 Nem dos oito mil quilômetros de costa...
 O algodão de Seridó é o melhor do mundo?... Que me importa?
 Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
 A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
 Eu tomo alegria!

Ou seja, de certa forma, os momentos de alegria, de festa, de comemoração, não conseguem apagar o atraso por que passava o Brasil da época, com todos os seus problemas e mazelas sociais que afetavam (e ainda afetam) o país.

A morte é um dos temas recorrentes na obra literária de Manuel Bandeira. Às vezes o assunto vem de forma explícita, como é o caso do poema *O anjo da guarda*, no qual a lembrança de sua falecida irmã remete à noção de ausência e de retorno para “*junto do Senhor*”.

Quando minha irmã morreu,
 (Devia ter sido assim)
 Um anjo moreno, violento e bom,
 - brasileiro
 Veio ficar ao pé de mim.
 O meu anjo da guarda sorriu
 E voltou pra junto do Senhor.

Essa ideia de partida para o mundo espiritual aparece em outros poemas, como no já citado *Irene no Céu*. Contudo é levado às últimas consequências metafóricas em *Profundamente*, onde, sem recorrer à palavra Morte, Bandeira cruza o passado com o presente de sua época e traduz a sensação de perda de modo suave e que leva o leitor à reflexão sobre o fato de que a vida passa rápido e que quando acordarmos, muitos dos que faziam parte de nossa vida cotidiana não aís estarão entre nós. Trata-se de um dos mais belos poemas da Língua Portuguesa sobre o delicado assunto da morte.

Quando ontem adormeci
 Na noite de São João
 Havia alegria e rumor
 Vozes cantigas e risos
 Ao pé das fogueiras acesas.
 No meio da noite despertei
 Não ouvi mais vozes nem risos
 Apenas balões
 Passavam errantes
 Silenciosamente
 Apenas de vez em quando
 O ruído de um bonde
 Cortava o silêncio
 Como um túnel.
 Onde estavam os que há pouco
 Dançavam
 Cantavam
 E riam
 Ao pé das fogueiras acesas?
 - Estavam todos dormindo
 Estavam todos deitados
 Dormindo
 Profundamente
 *

Quando eu tinha seis anos
 Não pude ver o fim da festa de São João
 Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
- Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Os momentos aparentemente fortuitos da vida cotidiana são aproveitados por Bandeira como mote para poemas nos quais o lirismo assume grande profundidade tanto pela escolha lexical quanto pela disposição das recorrências semânticas ao longo do texto. E até mesmo pelo jogo de pontuação, como ocorre, por exemplo, no poema *Andorinha*, no qual a simetria dos sinais gráficos contribui para a compreensão da mensagem transmitida pelo eu lírico:

Andorinha lá fora está dizendo:
- "Passei o dia à toa, à toa!"
Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa...

Notar que o sinal de exclamação na “fala” da andorinha remete à ideia de que, para ela, perder um dia é motivo de espanto, de admiração. Porém, quando, na resposta, a palavra “dia” é substituída por “vida” e a exclamação cede seu lugar às reticências, o tom do poema atinge maior carga de dramaticidade, pois, se, para a ave, perder um dia foi motivo de espanto, para um homem que passou uma “*vida inteira que podia ter sido e que não foi (Pneumotórax)*”, perder a própria vida (aqui no sentido de não ter vivido como queria) parece ser recebido como algo corriqueiro e que se prolonga para além de um simples dia perdido.

Esse gosto bandeiriano pelo cotidiano faz com que o poeta aproveite as cenas mais inusitadas para expressar sua visão de mundo. Geralmente utilizando um vocabulário composto de palavras simples, ele reproduz nas páginas de seus livros, em forma de poemas. É o caso de *Poema tirado de uma notícia de jornal*, que lembra um microconto com uma personagem popular que, após uma noitada regada a música e bebida, acaba encontrando a morte por afogamento.

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número. Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro Bebeu Cantou Dançou Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Até mesmo uma conversa entre um casal de namorados é aproveitada pelo poeta como forma de destacar situações e diálogos insólitos que podem ser vistos sob diversos prismas:

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
- Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.
A moça olhou de lado e esperou.
- Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listada?
A moça se lembrava:
- A gente fica olhando...
A menina brincou de novo nos olhos dela.
O rapaz prossegue com muita doçura:
- Antônia, você parece uma lagarta listada.
A moça arregalou os olhos, fez exclamações.
O rapaz concluiu:
- Antônia, você é engraçada! Você parece louca.
(Namorados)

Embora quase sempre o cotidiano seja a força motriz da poética de Manuel Bandeira, em alguns momentos, ele deixou de lado o lirismo poético e investiu em textos que, de alguma forma, extrapolam os limites dos demais poemas do livro, como é o caso da prosa poética *Noturno da rua da Lapa*, que traz toques do estilo de Edgar Allan Poe, Franz Kafka e Augusto dos Anjos, tanto pela linguagem quanto pelo quadro sombrio que acaba sendo evocado a partir de uma cena que mistura que parece cotidiana, mas que aos poucos vai ganhando uma projeção fantástica e fantasmagórica.

NOTURNO DA RUA DA LAPA

A janela estava aberta. Para o que não sei, mas o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas cicloidalas, e fragmentos do hino da bandeira.
Não posso atinar no que eu fazia: se meditava, se morria de espanto ou se vinha de muito longe. Nesse momento (oh! porque precisamente nesse momento?...) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacável, implacável! Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo também não

adiantava. - A bomba de flit! pensei comigo, é um inseto!

Quando o jacto fumigatório partiu, nada mudou em mim; os sinos da redenção continuaram em silêncio; nenhuma porta se abriu nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Senti que ele não morreria nunca mais, nem sairia, conquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minhama, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

A terra natal do poeta é outro tema bastante recorrente nas páginas de *Libertinagem*. Em vários poemas são evocadas as imagens mentais e pictóricas de Recife extraídas da memória e de um tempo já vivido, mas que ainda ecoa nas recordações do poeta. Conforme pode ser percebido no poema *Evocação a Recife*, transcrito a seguir.



EVOCAÇÃO A RECIFE

Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
- Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada

Recife da minha infância
A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado
e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê
na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras
mexericos namoros risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai!

A distância as vozes macias das meninas politonavam:
Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)
De repente
nos longos da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava sempre que era são José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União...
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)
Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
...onde se ia pescar escondido
Capiberibe
- Capiberibe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro alubrimento
Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro
os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalhadas
 E eu me deitei no colo da menina e ela começou
 a passar a mão nos meus cabelos
 Capiberibe
 - Capiberibe
 Rua da União onde todas as tardes passava a preta
 das bananas
 Com o xale vistoso de pano da Costa
 E o vendedor de roletes de cana
 O de amendoim
 que se chamava midubim e não era torrado era
 cozido
 Me lembro de todos os pregões:
 Ovos frescos e baratos
 Dez ovos por uma pataca
 Foi há muito tempo...
 A vida não me chegava pelos jornais nem pelos
 livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada
 A vida com uma porção de coisas que eu não
 entendia bem
 Terras que não sabia onde ficavam
 Recife...
 Rua da União...
 A casa de meu avô...
 Nunca pensei que ela acabasse!
 Tudo lá parecia impregnado de eternidade
 Recife...
 Meu avô morto.
 Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro
 como a casa de meu avô.

Nesse poema, Manuel Bandeira não se limita a pôr no papel suas impressões sobre a cidade que marcou sua vida. Ele aproveita o ensejo para trazer à baila toda uma gama de emoções e recordações que lhes são caras e que remontam à sua infância. O poema, em várias passagens, dialoga com *Profundamente* e com outros textos do livro. Ao chegar ao último verso, o leitor terá diante de si não apenas as lembranças de tempos idos, mas também os “alumbramentos”, jogos, brincadeiras, costumes e angústias de determinado momento de nossa história.

Essas imagens da cidade são recorrentes e refletem uma sensação de saudade de algo que só pode ser recuperado pela memória e pela necessidade de voltar constantemente a um momento da história pessoal que se multiplica em boas recordações que

suscitam possibilidades de comparações de diversos matizes, conforme pode ser visto a seguir.

Mangue mais Veneza americana do que o Recife
 Cargueiros atracados nas docas do Canal Grande
 O Morro do Pinto morre de espanto
 Passam estivadores de torso nu suando facas de
 ponta
 Café baixo Trapiches alfundegados Catraias de
 abacaxis e de bananas
 A Light fazendo crusvaldina com resíduos de
 coque
 Há macumbas no piche
 Eh cagira mia pai
 Eh cagira
 E o luar é uma coisa só

Mas além de retratar sua terra natal, Bandeira aproveita seus versos para homenagear outros locais, como, por exemplo, a capital do Pará em um poema que exala alegria e que elogios à cidade:

Bembelelém
 Viva Belém!
 Nortista gostosa
 Eu te quero bem.
 Terra da castanha
 Terra da borracha
 Terra de bribá bacuri sapoti
 Terra de fala cheia de nome indígena
 Que a gente não sabe se é de fruta pé de pau ou ave
 de plumagem bonita.
 Nortista gostosa
 Eu te quero bem.

Sempre também é importante levar em consideração a forte carga de ironia que aparece na obra bandeiriana. Em diversos textos essa característica está presente. Como pode ser visto a seguir, em *Pensão Familiar*:

PENSÃO FAMILIAR
 Jardim da pensãozinha burguesa. Gatos espapaçados ao sol. A tiririca sitia os canteiros chatos. O sol acaba de crestar as boninas que murcharam. Os girassóis amarelo! resistem.
 E as dalias, rechonchudas, plebeias, dominicais.
 Um gatinho faz pipi. Com gestos de garçom de restaurant-Palace Encobre cuidadosamente a mijadinha. Sai vibrando com elegância a patinha direita: - É a única criatura fina na pensãozinha burguesa

Conforme pode ser visto no poema acima e em outros textos já citados, Bandeira era também

um mestre no uso das ironias. Ele acaba deixando claro que o único ser que te certo grau de elegância naquele local pretensamente refinado é um gatinho que aproveita a calma do momento para urinar no jardim, sendo visto como “*única criatura fina na pensãozinha burguesa*”.

As mulheres são outra constante na obra de Bandeira. A figura feminina é retratada de diversos modos ao longo de o livro. Em alguns momentos, a mulher aparece como imagem reverenciada por conta da passagem da vida para a morte, como é o caso do poema *Irene no céu* e *Anjo da guarda*. Em outros momentos ou autor apela para aspectos menos convencionais, como no poema *Mulheres*, abaixo transcrito:

Como as mulheres são lindas!
Inútil pensar que é do vestido...
E depois não há só as bonitas:
Há também as simpáticas.
E as feias, certas feias em cujos olhos eu vejo isto:
Uma menininha que é batida e pisada e nunca sai da cozinha.
Como deve ser bom gostar de uma feia!
O meu amor porém não tem bondade alguma,
É fraco! fraco!
Meu Deus, eu amo como as criancinhas...
És linda como uma história da carochinha...
E eu preciso de ti como precisava de mamãe e papai
(No tempo em que pensava que os ladrões moravam no
[morro atrás de casa e tinham cara de pau]).

Em outros momentos, o tom é mais enigmático e traz uma aura que mescla mistério, desejo, sedução e certa dose de surrealismo imagético, como é o caso do poema a seguir:

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)
Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das
águas.

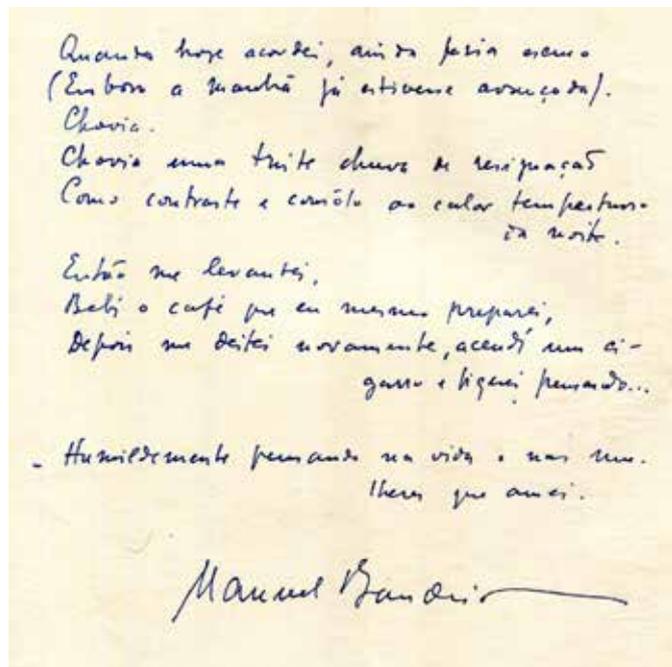
Porém, mesmo com toda essa gama de temáticas presentes na obra desse autor, o poema mais emblemático de Manuel Bandeira é o clássico

Vou-me embora pra Pasárgada, uma espécie de fuga para um locus amoenus no qual possa ser feliz e onde suas limitações de homem doente não interferem em sua vida cotidiana. Nesse lugar imaginário, o eu lírico pode ser feliz e viver de acordo com seus desejos.

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro bravo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para gente namorar
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
- Lá sou amigo do rei -
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Para concluir, vale a pena relembrar que toda a obra de Manuel Bandeira é marcada pela simplicidade e pela delicadeza no uso das palavras. Mesmo nos poemas escritos em francês, em ua tradução livre e sem valor artístico, é possível perceber o cuidado do poeta em poetizar sobre banalidades que talvez passassem despercebidas pelas demais pessoas.

Gatinho branco e cinzento
 Ainda permanecendo no quarto
 A noite está tão escura lá fora
 E o silêncio pesa
 Hoje à noite eu temo a noite
 Gatinho irmão do silêncio
 Ainda permanecem
 Fica comigo
 Gatinho branco e cinzento
 Gatinho
 A noite pesa
 Não há mariposas
 Onde estão esses animais?
 Moscas dormem no fio da eletricidade
 Estou muito sozinho vivendo nesta sala
 Gatinho irmão do silêncio
 Fique ao meu lado
 Porque eu tenho que sentir a vida comigo
 E é você quem faz o quarto não está vazio
 Gatinho branco e cinzento
 Fique no quarto
 Despertar cuidadoso e lúcido
 Gatinho branco e cinzento
 Gatinho (Chambre Vide - tradução livre)



CONCLUSÃO

Libertinagem é um livro de pequenas dimensões físicas, mas de grande importância para as letras brasileiras. Nesse livro, assim como em outros, Manuel Bandeira recorre a variadas temáticas que giram em torno de um cotidiano aparentemente pessoal, mas que pode alcançar muitas pessoas, pois as angústias existenciais apresentadas no livro não são exclusividade do poeta, mas sim de todas as pessoas que passam cotidianamente por situações análogas.

Muitos poemas desse livro - como é o caso de Pneumotórax, Vou-me embora pra Pasárgada e e Profundamente - podem ser colocados entre os mais expressivos da literatura de Língua Portuguesa de todos os tempos. Mesmo estando historicamente atrelado ao Modernismo em sua primeira fase, Bandeira não se limitou a reproduzir os ideais daquela época e tanto recuperou parte da tradição em seus versos quanto inovou em sua forma de trabalhar o lirismo de modo mais crítico e profundo.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 7 ed. São Paulo: Global, 2012.
- DANTAS, Pedro. *Acre sabor*. In: BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- GUIMARÃES, Júlio Castañón. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2008.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira - Modernismo*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JOSÉ NERES - é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira das redes pública e particular de educação.

visite nosso site: joseneres.com